

**EXISTÊNCIA POÉTICA E MECANISMOS DE SOBREVIVÊNCIA
FRENTE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CONSIDERAÇÕES ACERCA
DA POESIA DE MARINA VERGUEIRO E HIV/AIDS**

Isaque da Silva Moraes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

moraes.isaque050@gmail.com

Resumo

Este artigo intenciona investigar como a poesia de Marina Vergueiro, a partir do poema “Eu tive Aids por dois meses” publicado em sua primeira antologia poética intitulada *Exposta* (2019), torna-se mecanismo de sobrevivência diante da violência de gênero e sua relação com o HIV/Aids. Para tanto, enquanto subsídio teórico, recorreremos ao conceito de transmodernidade, postulado pelo filósofo Enrique Dussel (2016), com a finalidade de evidenciar os aspectos da periferia que exigem um olhar específico para a produção poética marginalizada, em consonância aos aspectos sobre a violência de gênero elucidados por Saffiotti (2004), e, por último, a perspectiva da poesia como experiência traçada por Lorde (2019). Como resultado, observou-se que o eu-lírico do poema, enquanto sujeito-objeto, toma o lugar de enunciação frente à violência sofrida.

Palavras-chave: Poesia; Marina Vergueiro; HIV/Aids; Transmodernidade; Experiência.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Isaque da Silva Moraes

Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduando em Jornalismo (UFPB). Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB). Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa na Paraíba (FAPESQ).



lattes.cnpq.br/5719423515992084



orcid.org/0000-0001-5819-4010

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

EXISTÊNCIA POÉTICA E MECANISMOS DE SOBREVIVÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA POESIA DE MARINA VERGUEIRO E HIV/AIDS

Isaque da Silva Moraes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

moraes.isaque050@gmail.com

Considerações iniciais

A literatura enquanto potência artística, simbólica e, sobretudo, humana, possibilita o contato com diferentes esferas da práxis humana, desvelando aspectos da subjetividade de indivíduos que estão situados historicamente em determinados espaços e que produzem, a partir de suas experiências, sua cultura. O contato com diferentes textos literários – especialmente aqueles que não são percebidos socialmente como tais, por serem de caráter periférico e marginal – propicia a prática de um novo olhar para produções culturais emergentes que dão voz aos oprimidos pelo sistema. Sob essa perspectiva, é imperativo considerar a urgência na mudança de conduta diante daquilo que é lido e a partir de quais concepções teórico-críticas são lidas.

Considerando esses fatores, este artigo objetiva realizar uma análise crítica do poema “Eu tive Aids por dois meses”, presente na antologia *Exposta* (2019), de Marina Vergueiro. Tal empreendimento será ancorado no viés da filosofia da libertação, a partir de um olhar sobre a poesia latino-americana, especificamente brasileira. Além disso, toma como questão norteadora as violências de gênero contra a subjetividade do sujeito constituído pelas relações sociais, atravessada também pelas questões de classe social e raça/etnia. Por fim, considera-se relevante o viés da poesia como materialização da subjetividade em consonância com a transposição dos desejos do indivíduo, mas que também estão ancorados em um desejo coletivo, isto é, social.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Portanto, a partir dos aspectos supracitados, o texto tem como abordagem teórica: os escritos de Henrique Dussel (2016), em especial a conceituação de transmodernidade; as proposições teórico-críticas de Heleieth Saffioti (2004) acerca da violência de gênero e os mecanismos de sobrevivência do feminino frente à opressão e aniquilação constante de uma sociedade majoritariamente binária e que outorga à mulher o lugar de objeto; e a visão particular/coletiva de Audre Lorde (2019), da poesia como experiência e consciência da existência pelo feminino. Metodologicamente, esta é uma pesquisa qualitativa e que possui caráter bibliográfico, pois está respaldada em textos críticos e teóricos de diferentes áreas do conhecimento, como filosofia, ciências sociais e literatura, entrelaçados para subsidiar a análise interpretativa que será realizada.

TRANSMODERNIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A NECESSIDADE DE UM NOVO OLHAR PARA AS PRODUÇÕES CULTURAIS BRASILEIRAS, EM ESPECIAL A POESIA

Desde a segunda metade do século XX, intensificou-se o debate em diversas áreas do conhecimento a fim de repensar a cultura latino-americana a partir de suas especificidades. Tal perspectiva é defendida em contrapartida à concepção hegemônica do centro-mundo, mais especificamente o continente Europeu, derivada da Modernidade e vigorada por correntes como o pós-modernismo. Nesse sentido, no campo da filosofia ocorreu uma ruptura histórica, de acordo com Henrique Dussel (2016), no intento de propiciar meios para uma maior apreciação crítica das culturas periféricas, que, na visão do autor, inclui desde os países latino-americanos aos territórios constituintes da África e Ásia, uma vez que todos eles sofreram processos de dominação, exploração e aniquilação. Logo, segundo Dussel (2016):

A filosofia latino-americana como filosofia da libertação descobria seu condicionamento cultural (pensava-se a partir de uma cultura determinada), mas também articulada (explícita ou implicitamente) a partir dos interesses de classes, grupos, sexo, raça etc. determinados. (DUSSEL, 2016, p. 52)

À vista disso, as culturas periféricas, figuradas também como os oprimidos e explorados pelo sistema central, apresentam ainda certa externalidade àquilo que a elas foi imposto, demonstrando resistência no processo de manutenção de suas singularidades constituídas social e historicamente. Por conseguinte, essa exteriorização é representada justamente pelos elementos da cultura popular desses locais, como a música, o folclore, as danças, a literatura, dentre outras possibilidades. Considerando essa alteridade como negada e latente, Dussel (2016) conceitua então o que denominou como *Transmodernidade*, isto é, uma concepção que defende o lugar das culturas periféricas mediante a sua própria existência cultural, rejeitando modelos modernos e pós-modernos euro-americanos.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Fundamentados nas proposições do filósofo, é necessário pensar o Brasil – enquanto cultura periférica e transmoderna – de maneira crítica, com a finalidade de não incorrer nos óbitos e apagamentos produzidos pela colonização e seus derivados ainda atuantes. Sob esse viés, a literatura também não se extingue em suas primazias, que deve ser revisitada e repensada, visto que as elites “ilustradas”¹ – nas palavras de Dussel (2016) – apontam para uma alteridade, mas que não é uma superação (como requer a transmodernidade) da preeminência do centro-mundo. Dessa maneira, ao ancorar nessa concepção filosófica e crítica, compreende-se que o cânone literário brasileiro difunde uma visão neocolonialista, pois nele predominam autor[E]s brancos, evidenciando também um processo de aniquilação das vertentes literárias periféricas e a perpetuação da centralidade supracitada.

Todavia, como defende o autor, as categorias de classe, sexo e raça são articuladas nesse processo de libertação das culturas. Essa constatação dialoga com as categorias de identidade social básicas apresentadas por Heleieth Saffioti (2004), sendo elas: classe social, gênero e raça/etnia. Para a autora, elas são concomitantes e – em maior ou menor grau – estão sempre em atuação, uma vez que são constituídas mediante as relações sociais. Posto isso, julgando o objetivo final deste trabalho, focar-se-á na categoria de gênero e suas minúcias, mas sempre mantendo as outras esferas no horizonte final das proposições, não tensionando sua desarticulação e, assim, coadunando com o entrelaçamento evidenciado.

De acordo com Saffioti (2004), é preciso compreender em primeiro plano que, nas relações sociais, sujeito e objeto são intrínsecos e estão situados historicamente, pois “quando os seres humanos, seja individualmente, seja coletivamente, se apropriam do resultado de sua práxis, procedem à subjetivação, tornando-se sujeitos que, por sua vez, se objetivam por meio de sua atividade” (SAFFIOTI, 2004, p. 60). Sendo assim, ao considerar que exercendo sua práxis o sujeito constitui-se simultaneamente de maneira objetiva e subjetiva, há uma contraposição ao sujeito cartesiano. No entanto, não há uma garantia de apropriação da práxis por parte dos sujeitos, efeito do atravessamento das categorias de identidade e que se engendram na formação de um nó, que concomitantemente o potencializa, como defende a autora.

As culturas hegemônicas, sobretudo as ocidentais, são majoritariamente binárias, isto é, masculina e feminina, e não há uma equalização entre as forças de gênero que é primada pelo sistema capitalista imperativo. Para Saffioti (2004), essa antítese é um indicador da formação identitária da sociedade brasileira. Logo, há um corpo social atravessado pela

¹ Dussel (2016) define as elites “ilustradas” como aqueles sujeitos que reproduziam modelos do centro-mundo, mas não mantinham suas tradições, distanciando-se de seu próprio povo, ou seja, neocolonialistas. A terminologia utilizada pelo teórico refere-se ao período imperial de invasão das Américas, séc. XV.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

contradição de gênero, no qual o segundo (feminino) subjaz ao primeiro (masculino), também entrelaçada pelos fatores de classe social e raça. Segundo a autora:

Assim, a identidade de gênero equaliza todas as mulheres, de um lado, e todos os homens, de outro. Todavia, nenhum indivíduo é igual a outro, nem no contingente feminino nem no masculino. Analogia e diferença integram, portanto, o sentimento pessoal e o reconhecimento da sociedade de pertinência de alguém a uma categoria social (gênero e raça/etnia) ou a uma classe social. Mais do que isso, analogia e diferença instauram-se na própria psique. (SAFFIOTI, 2004, p. 68)

Diante disso, compreende-se que essas identidades se constituem sobretudo no âmbito do inconsciente e são ancoradas em anseios coletivos que regem o contexto em que o sujeito está inserido. Nesse sentido, se situado fora daquele período histórico específico, o sujeito-objeto inclinar-se-ia de modo dessemelhante à presentificação, pois ela é gerida pela articulação das igualdades e diferenças do hodierno. Ademais, é válido salientar que sob essa lógica, as mulheres não são tratadas como sujeitos pelos homens – em decorrência da organização social de gênero –, colocando-as apenas na posição de objeto, de maneira tal que gera representações dicotômicas nas mulheres, cuja opressão as impele a enxergarem-se nesse lugar objetificado.

Esse processo de coisificação/desumanização do sujeito é um dos meios de refutação da consciência de gênero dos indivíduos. Nesse enquadramento, as mulheres estão sempre negociando papéis (SAFFIOTI, 2004), como mecanismo de sobrevivência em territórios nos quais há um processo constante de aniquilação de suas subjetividades em requerimento da objetificação. Entretanto, como exposto, ambos processos são dimensões do sujeito, e quando uma mulher atua enquanto objeto não relega seu lugar de sujeito, pois “a mulher é um ser ambíguo por excelência” (SAFFIOTI, 2004, p. 71-72), ou seja, ela não negocia a sua identidade. Sendo assim, interpreta-se o sujeito como múltiplo.

Nesse cenário, a literatura não escapa aos modos de opressão, aniquilação e dominação, ratificadas pela hegemonia do cânone. Consoante a isso, observa-se que nos textos literários há também a objetificação da mulher, o que exige novos olhares para as produções culturais, fruto do trabalho físico e das criações simbólicas, como atesta Dussel (2016). Destarte, ao assumir o lugar de enunciação, assegura-se a sobrevivência do feminino no campo de batalha que é a teia social, assim como o diálogo assimétrico dos oprimidos e a atenuação das fissuras históricas e sociais.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Não obstante, incorpora-se a assertiva defendida por Audre Lorde (2019), em seu texto “A poesia não é um luxo”, de que, para as mulheres, a poesia é uma necessidade vital de existência. Para a autora, o campo poético é um meio para nomear episódios antes mesmo que eles possam ser materializados em poemas (LORDE, 2019), isto é, antecede a forma estruturada de registro. Ademais, ela afirma ainda que é necessária uma consciência de vida que não seja europeia – o que é consoante à filosofia da libertação – e reitera: “a poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade” (LORDE, 2019, p. 47).

Ao legitimar a poesia como existência, Lorde (2019) abandona a ideia da poesia como luxo, como fruto da primazia do cânone e o lírico como lugar inalcançável, pois demanda, antes de tudo, experiência. Por conseguinte, com base na perspectiva transmoderna, com o intuito de não perpetuar a violência de gênero e coadunando com a concepção de poesia como experiência, no próximo tópico será realizada a análise do texto poético de Marina Vergueiro.

A EXISTÊNCIA POÉTICA COMO MEIO DE SOBREVIVÊNCIA

Desde o início da expansão do mercado editorial brasileiro na segunda metade do séc. XX, nota-se uma dificuldade no processo de sistematização da literatura produzida no país, em decorrência da grande quantidade de livros que são editados e publicados todos os anos. Em virtude disso, observa-se também que há um tanto de resistência das grandes editoras em publicar novos autores na contemporaneidade. Além disso, se constata ainda um crescimento de pequenas editoras que realizam publicações independentes, a fim de agregar mais escritores e obras aos seus catálogos.

Para além dos livros físicos, contemporaneamente há uma proliferação significativa de livros em formato digital, que resulta da grande facilidade de publicação e de maior abertura do mercado para novos contistas, romancistas, cronistas, poetas, dentre outros. Apesar disso, essas averiguações referem-se apenas aos textos literários que são publicados, mas há também uma grande produção literária que surge nas comunidades, em saraus literários organizados, como também nas batalhas de *slammers*, além de outras manifestações artístico-literárias que não se enquadram nas concepções cristalizadas de texto, oriundas ainda do mesmo período do século passado e frutos da literatura marginal, com inovações gráficas, diferentes arranjos estéticos e uma voz enunciativa de muita potência.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

É nesse cenário por vezes marginalizado e não canonizado que surge a voz poética de Marina Vergueiro, nos saraus poéticos de São Paulo, em meados de 2010. Além de poeta, ela também é jornalista e sua relação com as palavras sempre foi muito intensa, fomentada por seu pai – um ávido leitor de poesia. Outrossim, também se aventura produzindo vídeo-poemas, tanto de sua autoria quanto de outros artistas da cena literária, alguns disponíveis em seu canal “La Vergui”, no *Youtube*. Suas primeiras publicações foram em antologias poéticas, sendo elas: *Uma vez poetas ambulantes* (2013) e *Painel brasileiro de novos talentos 4* (2014), organizada pelo coletivo Poetas Ambulantes que realizam intervenções poéticas nos transportes públicos de São Paulo; *Sobrenome liberdade: antes de ser um manifesto* (2013), com escritos de diferentes poetas de um sarau em Grajaú – SP; *O livrin sagrado: o menor slam do mundo* (2014), organizado por Daniel Minchoni e que reúne diversos poemas de até 10 segundos; e *Verso em versos* (2019), antologia de um sarau poético da zona sul de São Paulo.

O primeiro livro autoral que Marina Vergueiro publica, reunindo grande parte de sua produção poética, é *Exposta* (2019)², pela Editora Conecta Brasil. A obra mistura linguagem verbal e visual, pois além dos poemas de Vergueiro (2019), também possui um projeto gráfico com artes de Drika Prates que completam o arrojado e potente projeto poético. A primeira versão do livro foi engavetada em 2013, em consequência dos efeitos e estigmas da Aids, após a descoberta da sorologia positiva pela autora. Por essa razão, ela sentiu a necessidade de incluir textos sobre a sua experiência com a doença, resultando na publicação final somente alguns anos depois e que reúne poemas escritos entre 2002 e 2019.

Segundo Lorde (2019), a verdadeira poesia nasce da destilação da experiência, e Vergueiro (2019), em seu *site* oficial, afirma que a sua escrita é um processo de sobrevivência, de acolhimento de dores e libertação, ou seja, a sua vivência é traduzida enquanto experiência. Nesse sentido, é imperioso considerar a poesia de Vergueiro (2019) como produção cultural, dentro da perspectiva do filósofo Henrique Dussel (2016), pois materializa uma exteriorização intersubjetiva, que não apenas dela fala, mas também de um todo que representa, isto é, as mulheres. *Exposta* (2019) aborda diferentes temáticas que atravessam o universo feminino, como a violência, expressa por meio da gordofobia, do machismo, como também questões referentes à sexualidade, dentre outras perspectivas.

No entanto, a análise será centrada em um dos poemas que tematizam o HIV/Aids – “Eu tive Aids por 2 meses” –, devido à necessidade da autora em inclui-lo na obra após sua experiência, como também pelo apagamento histórico que os textos de autoria feminina com a temática sofrem no âmbito da literatura brasileira, dando lugar a uma alteridade que por

² A versão digital do livro está disponível no site oficial da escritora: marinavergueiro.com.br/poesia.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

muito tempo foi negada. Nesse sentido, a poética de Vergueiro (2019) é popular (e não populista), pois toma o lugar de enunciação do oprimido, neste caso a mulher que vive com HIV, que durante toda a história foi relegada, até mesmo na evolução biomédica do tratamento, considerando que as medicações nunca foram elaboradas pensando no corpo feminino e suas especificidades. Desse modo, é uma resposta a partir de um outro lugar, de uma experiência cultural própria.

A questão que orienta esta análise é a afirmativa de Heleieth Saffioti (2004), de que “considera-se importante mostrar que as mulheres são vítimas da violência de gênero, o que não significa tomá-las como passivas” (SAFFIOTI, 2004, p. 71), atestada na poesia de Marina Vergueiro em *Exposta* (2019).

Eu tive Aids por dois meses
Há 7 anos, eu tive Aids por dois meses
Não morri
Eu continuo aqui
A Aids não
Ela vazou
Evaporou de mim
E sumiu
A Aids é coisa do meu passado
Desde que me tornei indetectável
O HIV sobreviveu
Assim como eu
Ele é um vírus que você não vê
Pois eu pareço tanto com você!
Não é mesmo?
Eu poderia ser você
E você poderia ser eu
O HIV não escolhe bicha, machão
Santa ou ateu
Para o HIV, tanto faz onde você se meteu
Ou com quem você meteu
O HIV é meu, é teu
É de quem cruzar seu caminho
Seja monogâmica, “fiel”, bolsominion
Esquerdomacho, idosa, tarado
Mãe de família, trava, empresário
O HIV se lixa se você tá no armário!

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ele chegou como quem não quer nada
Me encheu de beijinhos
E me levou ao orgasmo
O HIV é um vírus apaixonado
E, não, isso não é um pleonasmo
Me lembro do meu primeiro namorado (Já sei o que você está pensando) NÃO, ele não é o culpado!
Ou você aponta o dedo na cara de quem te deixou gripade?
Ele foi vítima do estigma
Tão cruel que já dói na rima
Justamente por medo da discriminação
Me privei de amar e ser amada
Enclausurei meu tesão
E em vida me fiz sepultada.

Mesmo indetectável e intransmissível
Eu me sentia des-pre-zí-vel
Por causa de um vírus invisível
Que há um quarto de século já não é mais uma sentença de morte
Acorda!
Amar NÃO É brincar com a própria sorte!
Amar é simplesmente amar
E nos faz mais fortes!

Vírus da Imunodeficiência HUMANA
Por que você acha que é diferente com você?
Hein, boy!? Hein, mana?!
Seu preconceito não me engana!
E nem te coloca à margem da epidemia
Pode parar com esta putaria
De me julgar baseada no seu preconceito
Meu HIV não é um defeito
É um vírus, uma doença crônica
Uma falha no sistema
Definitivamente
Não é meu maior problema
Você tem medo de trepar comigo porque vai pegar?
Você tem medo de me amar porque eu vou morrer?
Ou você não sabe por que nunca conheceu ninguém com HIV?
PARA!
Respira!

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Em que mundo você vive?
 Não vamos todos morrer?
 Você se apresenta às pessoas
 “Oi, prazer, sou fulane,
 Tenho diabetes e enxaqueca”?
 Pelo amor da buceta
 (Mãe de cada um de nós).

O que é maior pra você
 Sua ignorância?
 Seu preconceito?
 Ou o HIV?
 (VERGUEIRO, 2019, pp. 71-75)

O eu-lírico do poema, nos primeiros versos, aponta para um passado não tão recente, mas que é ávido em sua memória, demarcando temporalmente a experiência da internação em virtude da Aids. Em seguida, há uma afirmativa, respectivamente no terceiro e quarto versos, que demonstra a necessidade de atestar a vida e seu lugar no mundo por parte do sujeito. Tal fato demonstra uma resistência do eu-lírico em sua conduta ao dar uma resposta a um apelo social, em diálogo com a alternativa que Saffioti (2004) apresenta para uma (re)afirmação do feminino. Ainda na mesma estrofe, é possível deparar-se com o caráter também didático do poema, visto que, ao colocar a Aids no passado e o HIV como sobrevivente, mas também demarcando a indetectabilidade do vírus no organismo, o eu-lírico propõe as distinções entre a doença e o vírus como processo de libertação mediante a linguagem, como também a possibilidade da vivência por meio do “tornar-se”. Nesse sentido, rememora-se o que afirma Lorde (2019), de que as mulheres sobreviveram como poetisas. Ou seja, ao nomear, demarcar e materializar a experiência, Vergueiro (2019) resiste à aniquilação social que as pessoas que vivem com HIV enfrentam.

Outrossim, nos versos que se sucedem na estrofe, o eu-lírico evidencia como o vírus e seus efeitos não escolhem aqueles que afetam. Ao colocá-lo na posição de integrante da vida humana mediante antíteses, a partir de figuras universalmente opostas – a exemplo da Santa e o ateu, rechaça ideologias e pensamentos engessados que foram engendrados historicamente e constitui o imaginário de muitos socialmente. Ademais, representa os atores sociais por meio da identidade de gênero, dando destaque para o caráter universal da doença, gerando um processo de humanização e evitando a coisificação constante da violência de gênero que destaca Saffioti (2004), que pode ser atestada nos versos “Eu poderia ser você / Você poderia ser eu” e “O HIV é meu, é teu” (VERGUEIRO, 2019, p. 71).

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Outro processo que é válido destacar é a metaforização do sexo enquanto recurso expressivo, por meio dos vocábulos “meteu” e “cruzar”, que revelam um jogo com um dos meios de contaminação do vírus, isto é, as relações sexuais, mas ainda mantendo o caráter universal dessas práticas que não distinguem os sujeitos da ação, tampouco os seus efeitos. Na estrofe seguinte, sustenta esse processo, mas o equaliza com termos que reforçam a questão afetiva que envolve por vezes essas atividades, como “beijinhos” e “apaixonado”, indicando um pleonasma evidenciado pelo próprio eu-lírico. Tal processo corrobora a assertiva de Saffioti (2004, p. 60): “o sujeito integra permanentemente a realidade objetiva com a qual interage”; uma vez que é fazer simultâneo o sujeito-objeto.

Logo após, o eu-lírico rememora um antigo parceiro, mas o isenta da culpa pela infecção, colocando-o também enquanto vítima do vírus, reforçado pela negativa em tipografia maiúscula “NÃO”, ao passo que dialoga com o leitor e demonstra certo grau de consciência. Assim, realiza a transposição em linguagem de seus sentimentos (LORDE, 2019) para a partilha com o apreciador do poema. Ademais, reforça que “não há quem participe de relações sociais sem ser sujeito, sem ter identidades sociais, sem distinguir seu eu do eu do outro” (SAFFIOTI, 2004, p. 75).

Por fim, denota os efeitos do estigma, ao afirmar: “Justamente por medo da discriminação / Me privei de amar e ser amada / Enclausurei o meu tesão / E em vida me fiz sepultada” (VERGUEIRO, 2019, p. 73). Nestes versos, é possível depreender a negociação de papéis que argumenta Saffioti (2004), uma vez que, apesar do grau de consciência apresentado anteriormente, nesse momento o eu-lírico coloca-se na posição de objeto da ação, em virtude do estigma, entretanto, não deixa de lado sua identidade – reforçada discursivamente pela presença da 1ª pessoa nos verbos. Além disso, externaliza uma contraposição à primeira estrofe, pois se na primeira a voz reforça a questão da sobrevivência à ação da síndrome, na segunda metaforiza o sepultamento da vida, não da física, mas demonstrando a violência simbólica que fere socialmente os sujeitos acometidos pelo vírus. Segundo Lorde (2019):

Na linha de frente da nossa passagem à mudança existe apenas a poesia para aludir à possibilidade tornada real. Nossos poemas articulam as implicações de nós mesmas, aquilo que sentimos internamente e ousamos trazer à realidade (ou com o qual conformamos nossa ação), nossos medos, nossas esperanças, nossos mais íntimos terrores. (LORDE, 2019, p. 47)

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

A materialização em linguagem dos sentimentos que assolam o sujeito, traduz a criação simbólica, enquanto produção cultural, de uma exteriorização daquilo que é intersubjetivo e comunitário, em conformidade com a filosofia da libertação defendida por Dussel (2016), visto que esses temores constituem o corpo social que é atravessado por esta problemática. Em seguida, o eu-lírico reforça essas inseguranças ao manifestar: “Mesmo indetectável e intransmissível³ / Eu me sentia des-pre-zí-vel / Por causa de um vírus invisível” (VERGUEIRO, 2019, p. 73). Esses versos apontam o efeito do exterior (relações sociais) sobre o indivíduo (subjetivo), visto que, apesar de amplamente difundida pela comunidade biomédica a seguridade do tratamento para pessoas que vivem com HIV, muitas vezes os sujeitos não conseguem internalizar essa realidade, de maneira tal que demonstra, como sustenta Saffioti (2004), a alienação condicionante e resultante das atividades humanas. No entanto, logo em seguida, o eu lírico diz: “Amar é simplesmente amar / E nos faz mais forte!” (VERGUEIRO, 2019, p. 74); a afirmativa projeta como, apesar de violentada, a transmutação da atuação da vítima-algoz revela a potencialização do eu mediante a subversão aos efeitos do condicionante.

Na penúltima estrofe do poema, o eu-lírico inicia recorrendo mais uma vez ao aspecto da humanização, com a adjetivação em tipografia maiúscula, como uma espécie de grito. Nos versos seguintes, há novamente uma tentativa de equalização entre diferentes sujeitos, e, ao afirmar: “E nem te coloca à margem da epidemia” (VERGUEIRO, 2019, p. 74); há uma reorganização dos polos centro e margem, pois ao colocar a epidemia como centro – uma vez que os indivíduos que não são afetados por ela estão à margem – ressignifica o lugar de existência das pessoas vivendo com HIV e evidencia o lugar da exterioridade e da alteridade tão caros à transmodernidade. Na sequência do encadeamento do poema, a voz do eu-lírico assume então um lugar de enunciação ao centro, uma vez que objetivo e subjetivo se mesclam na apropriação do vírus pelo eu, não mais como um fator opressor, mas sim pertencente, atestado pela utilização do pronome possessivo “meu”.

Por conseguinte, ressignifica e subverte o lugar do HIV, pois assegura “[...] não é um defeito” e “Definitivamente não é o meu maior problema” (VERGUEIRO, 2019, p. 74). Ademais, ao questionar os medos – de pegar o vírus e da morte – do outro para com o eu, e, novamente com o uso tipográfico das letras maiúsculas, requer que este outro cesse essas angústias, destronando as matrizes hegemônicas de opressão para com a pessoa que vive com HIV. Desse modo, apesar de ainda ser vítima, não é passiva, uma vez que, mesmo ameaçada e oprimida, não sucumbe à alteridade, ou seja, novamente negocia o papel de sujeito/objeto,

³ A indetectabilidade e intransmissibilidade (I = I) faz referência ao estágio do tratamento com a terapia antirretroviral (TARV) em que a quantidade de vírus circulando no corpo do indivíduo é tão baixa que ele não o transmite, por exemplo, em relações sexuais.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

mecanismo de atuação social e sobrevivência contra a violência de gênero na visão de Saffioti (2004). Nesse sentido, coaduna também com as perspectivas de Lorde (2019) da poesia como experiência, dado que malgrado ainda haja a desumanização e as relações de poder opressivas e estruturais, por meio do lugar de enunciação na poesia o eu-lírico se liberta e sobrevive.

Outrossim, como uma espécie de gradação, nos versos finais da estrofe, a voz parece recuperar seu grau de consciência outrora perdido em decorrência da opressão, pois ao estabelecer um comparativo com a diabetes e ao afirmar a cronificação no processo de vivência com o vírus, ela apresenta uma resistência ao movimento opressivo do estigma. Consoante a isso, Lorde (2019, p. 46) aponta que a poesia é que estrutura o esqueleto da vida e permite que seja alicerçada uma ponte que atravessa o medo. Em seguida, o eu-lírico reafirma o lugar do feminino que é subversivo, colocando-o no espectro da figura geradora de todos os sujeitos. Por fim, a última estrofe levanta questionamentos acerca do grau de importância de cada questão que atravessa a vivência com o HIV, como a ignorância e o preconceito acerca do vírus. Nesses últimos versos, é possível perceber como o diálogo com o leitor é retomado, manifestando uma espécie de reflexão acerca de tudo que foi enunciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendimento realizado neste trabalho, na tentativa de proporcionar uma leitura crítica do poema “Eu tive Aids por dois meses”, de Marina Vergueiro, atesta para a função da poesia de autoria feminina, isto é, ser ponte para a compreensão (ou consciência) do sujeito de seus temores e, por meio das palavras, transpô-los e os ressignificar. O olhar lançado para a poética de Vergueiro (2019) atesta para a urgência de considerar as especificidades da produção cultural, em especial a literária, da periferia. Sob essa perspectiva, considerando o conceito de transmordenidade, a alteridade, que por muito tempo foi negada e velada, passa a ser lida e interpretada a partir do lugar da experiência do sujeito, de maneira tal que não outorga à poesia o lugar de intocável – como mantém o cânone hegemônico –, mas sim de fruto dessa vivência, que revela também um meio de existência.

A partir dos constructos crítico-teóricos de Saffioti, compreende-se então que a poética de Marina Vergueiro reflete as negociações de papéis, desempenhadas pelo ator/eu-lírico de seus escritos, ao passo que o sujeito-objeto (produtor do texto) reverbera o ser ativo da representação. Nesse sentido, o eu-lírico atuante, conscientemente, retrata a revolta da passividade na percepção da condição de objeto da ação. Por isso, enquanto sofredor da ação, a voz poética se enxerga como objeto e não sujeito, mas se coloca ao passo de sujeito a partir do momento em que sofre a ação e toma o lugar da enunciação na discursividade em evidência.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Por fim, é válido salientar que as proposições realizadas neste artigo não findam as possibilidades interpretativas do texto literário em questão, mas apresenta uma leitura considerando o viés da transmodernidade em diálogo com as questões referentes à violência de gênero e denotando a poesia como mecanismo de sobrevivência.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Referências

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6079. Acesso em: 31 dez. 2022.

LORDE, Audre. A poesia não é um luxo. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SAFFIOTI, H. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas Sociais**, [S. l.], n. 2, p. 59-79, 2004. DOI: 10.23925/lis.v0i2.18789. Disponível em: revistas.pucsp.br/index.php/lis/article/view/18789. Acesso em: 03 jan. 2023.

VERGUEIRO, Marina. **Exposta**. São Paulo: Conecta Brasil, 2019.

Recebido em: 14/5/2023

Aceito em: 3/8/2023

Publicado em: 30/4/2024

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

**POETIC EXISTENCE AND SURVIVAL MECHANISMS IN THE
FACE OF GENDER VIOLENCE: CONSIDERATIONS ON THE
POETRY OF MARINA VERGUEIRO AND HIV/AIDS**

Isaque da Silva Moraes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

moraes.isaque050@gmail.com

ABSTRACT

This article intends to investigate how Marina Vergueiro's poetry, based on the poem "Eu tive Aids por dois meses" published in her first poetic anthology entitled *Exposta* (2019), becomes a survival mechanism in the face of gender violence and its relationship with HIV/Aids. As a theoretical basis, resort to the concept of transmodernity, postulated by the philosopher Enrique Dussel (2016), in order to highlight the aspects of the periphery that require a specific look at the marginalized poetic production, in line with the aspects of violence in genre elucidated by Saffiotti (2004), and, finally, the perspective of poetry as an experience outlined by Lorde (2019). As a result, it was observed that the poem's lyrical self, as subject-object, takes the place of enunciation in the face of the violence suffered.

Keywords: Poetry; Marina Vergueiro; HIV/AIDS; Transmodernity; Experience.

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

EXISTENCIA POÉTICA Y MECANISMOS DE SUPERVIVENCIA FRENTE A LA VIOLENCIA DE GÉNERO: CONSIDERACIONES SOBRE LA POESÍA DE MARINA VERGUEIRO Y EL VIH/SIDA

Isaque da Silva Moraes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

moraes.isaque050@gmail.com

RESUMEN

Este artículo se propone investigar cómo la poesía de Marina Vergueiro, a partir del poema “Eu tive aids por dois meses” publicado en su primera antología poética titulada *Exposta* (2019), se convierte en un mecanismo de supervivencia frente a la violencia de género y su relación con el VIH/ sida. Para ello, a modo de subsidio teórico, recurrimos al concepto de transmodernidad, postulado por el filósofo Enrique Dussel (2016), con el fin de resaltar los aspectos de la periferia que requieren una mirada específica a la producción poética marginada, en consonancia con los aspectos de la violencia en el género esclarecidos por Saffiotti (2004), y, finalmente, la perspectiva de la poesía como experiencia esbozada por Lorde (2019). Como resultado, se observó que el eu-lírico del poema, como sujeto-objeto, toma el lugar de enunciación frente a la violencia sufrida.

Palabras-clave: Poesía; Marina Vergueiro; VIH/SIDA; Transmodernidad; Experiencia.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about